

# Crise estimula negócio com bons livros usados

JB Mario Moreira 3/11/91

A crise econômica vem transformando muitos compradores habituais de livros em frequentadores de sebos. Não existem estatísticas oficiais sobre o volume de vendas em lojas de livros usados, mas a cada dia elas ganham novos adeptos, que buscam, entre estantes muitas vezes empoeiradas, opções mais baratas para cultivar o hábito da leitura. Em média, um título fácil de encontrar custa de 50% a 75% menos do que nas livrarias comuns. Isso vem incentivando a abertura de novos sebos, até mesmo na Zona Sul, que não possui tradição no ramo.

O Centro continua a ser a área de maior concentração, reunindo 25 deles. Aberto em fevereiro, o Novo Sebo, situado numa sobreloja da Rua Alcântara Machado, em apenas cinco meses pagou o investimento inicial de Cr\$ 1,1 milhão feito pelos sócios Sérgio Vasconcellos e Ubiratã Pimentel. Na verdade, os dois já haviam sido proprietários de um sebo no Catete, que funcionou durante dois anos e só chegou ao fim porque o proprietário da sala pediu o imóvel.

Desde junho, quando começou a formar clientela própria, o faturamento do Novo Sebo tem crescido numa média mensal de 30%. Em outubro, as vendas chegaram perto de Cr\$ 1 milhão. O detalhe é que os preços dos livros jamais foram reajustados. "Não sinto necessidade de aumentar meus preços, porque o negócio vai muito bem. Além do mais, os preços baixos ajudam a formar uma clientela", diz Vasconcellos. Ele oferece, por exemplo, *Autobiografia de um iogue*, de Paramahansa Yogananda, por Cr\$ 3 mil. Nas livrarias, custa Cr\$ 15.600.

**Viúvas** — O sebo é especializado em ciências humanas e sociais, fato que Sérgio Vasconcellos considera importante para o seu sucesso. "A especialização é um bom caminho, pois quem se interessa por esses assuntos sabe que

aqui tem boas chances de encontrar o que procura", afirma. De acordo com ele, a principal fonte de fornecimento de livros são as viúvas: "Quando os maridos morrem, elas oferecem bibliotecas inteiras por preços irrisórios. Elas torram tudo."

Outro caso de sucesso é o do Alpharrábio, situado numa galeria na Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. Criado em junho de 1989 pelas amigas Adda Di Almeida e Anna Paula Martins, o sebo beneficiou-se da escassez de concorrentes no bairro. As proprietárias garantem que o negócio gerou inclusive um grupo de frequentadores de sebo. "É uma geração mais nova, que nem as livrarias comuns frequentava", diz Adda. Nas prateleiras, figuram obras populares, como *Tocaia grande*, de Jorge Amado, por Cr\$ 1.800 (o preço nas livrarias é Cr\$ 8.300).

O Alpharrábio foi o primeiro sebo a participar de uma Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro. Foi este ano, quando o estande da loja faturou US\$ 800 por dia. Outra novidade trazida pelo Alpharrábio é a abertura, dentro de um mês, de uma franquía em Campinas (SP), em associação com a Livraria Letras e Artes.

Bem mais recente é o Alfarrabista do Rio, localizado na Tijuca e aberto no final de julho por Alexis da Cunha Galindo. Ele é co-proprietário de um outro sebo, O Velho Livreiro, situado na Rua da Assembléia e que existe há 11 anos. Foi a experiência no ramo que fez Alexis investir cerca de Cr\$ 1 milhão na abertura do novo negócio.



Sérgio Vasconcellos